

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE

CURSO DE FISIOTERAPIA

KATIA DE OLIVEIRA NERES

**COMPORTAMENTO SEXUAL EM ESTUDANTES DE
FISIOTERAPIA**

GOIÂNIA - GO

2022

KATIA DE OLIVEIRA NERES

**COMPORTAMENTO SEXUAL EM ESTUDANTES DE
FISIOTERAPIA**

Trabalho apresentado para o curso de Graduação em Fisioterapia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, para obtenção do título de Bacharel em Fisioterapia.

Orientadora: Profa. Patrícia Leite Álvares Silva.

GOIÂNIA - GO

2022

RESUMO:

Introdução: a sexualidade compreende sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução, a qual tem fatores que interagem entre si e influenciam esse aspecto central. Mesmo a sexualidade estando presente desde a infância é na adolescência que fortalece as exigências para as funcionalidades sexuais do adulto. Diante disso, vários estudos abordam o perfil e buscam compreender o comportamento sexual de jovens. **Objetivo:** verificar o perfil sexual dos estudantes de fisioterapia; analisar seu comportamento sexual e associá-lo com seu perfil sociodemográfico. **Método:** foi realizado um estudo descritivo de delineamento transversal e quantitativo. Foram utilizados dois questionários sendo um o perfil sociodemográfico e outro sobre o comportamento sexual elaborado na plataforma Google Forms. **Resultado:** a amostra foi composta por 92 alunos, sendo predominantemente mulheres, heterossexual e solteiro(a). A maioria já recebeu informações sobre o sexo e dialoga sobre a temática com os pais e amigos(as). 84,8% (n=78) tem vida sexual ativa. Destes 91% (n=71) nunca usaram drogas ou álcool antes do ato sexual; 83,3% (n=65) tiveram a primeira relação sexual por decisão própria e 94,9% (n=74) na primeira relação conhecia preservativos ou outros métodos contraceptivos. **Conclusão:** em alguns aspectos, como não usar preservativo em todas as relações sexuais, os estudantes de graduação de fisioterapia apresentam comportamento de risco e em outros, como o não uso de drogas antes do ato sexual, esse risco é reduzido. Todavia quando comparado o sexo biológico e a frequência significativa observa-se que o sexo masculino apresenta maior risco.

Palavras-chaves: comportamento sexual, comportamento de risco, educação sexual, ensino superior, múltiplos parceiros, preservativo.

Abstract:

Introduction: sexuality comprises sex, gender identities and roles, sexual orientation, eroticism, pleasure, intimacy and reproduction, which have factors that interact with each other and influence this central aspect. Even though sexuality has been present since childhood, it is in adolescence that it

strengthens the demands for adult sexual functionality. Therefore, several studies address the profile and seek to understand the sexual behavior of young people.

Objective: to verify the sexual profile of physiotherapy students; analyze their sexual behavior and associate it with their sociodemographic profile. **Method:** a descriptive cross-sectional and quantitative study was carried out. Two questionnaires were used, one on the sociodemographic profile and the other on sexual behavior prepared on the Google Forms platform. **Result:** the sample consisted of 92 students, predominantly women, heterosexual and single. Most have already received information about sex and talk about the topic with their parents and friends. 84.8% (n=78) have an active sex life. Of these, 91% (n=71) had never used drugs or alcohol before the sexual act; 83.3% (n=65) had the first sexual intercourse by their own decision and 94.9% (n=74) in the first intercourse knew condoms or other contraceptive methods. **Conclusion:** in some aspects, such as not using a condom in all sexual relations, undergraduate physiotherapy students present risky behavior and in others, such as not using drugs before sex, this risk is reduced. However, when comparing the biological sex and the significant frequency, it is observed that the male gender presents a higher risk.

Key words: sexual behavior, risk behavior, sex education, higher education, multiple partners, condom.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. MÉTODOS	8
3. RESULTADOS	10
4. DISCUSSÃO	19
5. CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIAS	24

INTRODUÇÃO

A saúde sexual, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), é definida como um estado físico, mental e socioemocional referente à sexualidade, não se referindo apenas a ausência de patologias, enfermidades ou mau funcionamento. Diante disso, a saúde sexual requisita um comportamento respeitoso e positivo no que refere a sexualidade e as relações sexuais, bem como a viabilidade de experimentar relações seguras e agradáveis, sem repressão, violência e rejeição (BRASIL, 2013).

Segundo OMS, a sexualidade é um aspecto central do ser humano que compreende sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. Além disso, a OMS, enfatiza que a sexualidade tem influência de vários fatores que interagem e influenciam esse aspecto central. Os fatores são: biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, jurídicos, históricos, religiosos e espirituais (BRASIL, 2013).

Mesmo a sexualidade estando presente desde o nascimento, é na adolescência, de forma geral, que o indivíduo estabelece suas escolhas e fortalece suas exigências para as funcionalidades sexuais do adulto. Nessa fase, o sexo interfere na vida física e socioemocional. Sabe-se que, atualmente, a maioria dos jovens admite, de forma ativa, sua vida sexual. Dessa forma, cabe a sociedade geral, desde os pais até os profissionais de saúde, abordar o tema de forma sincera, aberta e sem preconceito (BRASIL, 2013).

Alves (2017) relata que a maioria dos universitários participantes da sua pesquisa mostraram perfil sexual de vulnerabilidade, devido às inseguranças ou conhecimentos e desfechos equivocados sobre diferentes questões relativas à sexualidade humana e não se julgaram em circunstância de risco por terem informações acessíveis, provocando risco à saúde. Dessa forma, os universitários, mesmo com nível intelectual elevado, necessitam de orientações sobre as práticas sexuais, com o objetivo de minimizar a incidência de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e gravidez não desejada. (FALCÃO JÚNIOR, 2007).

O estudo de Graf *et al.* (2020), mostrou uma prevalência de comportamento sexual de risco em 9% (1.865 alunos entrevistados) dos ingressos na universidade. Destes 10,8% são acadêmicos do sexo masculino e 7,5% são do sexo feminino. O mesmo estudo apresenta como fatores de risco para o comportamento sexual do sexo masculino o uso de substâncias psicoativas antes da última relação sexual e utilizar, no último trimestre, aplicativos de relacionamentos visando a prática sexual.

Estudo feito com acadêmicos de Medicina e Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL), relatou que vários estudantes da instituição têm envolvimento com inúmeros parceiros, o que favorece riscos de adquirir IST em casos que o uso do preservativo seja infrequente. Esse estudo, identificou que 40,2% dos acadêmicos do primeiro ano na instituição usam com frequência o preservativo como método contraceptivo e apenas 29,0% do último ano usam esse método. Isso pode estar relacionado ao fato de que 57,0% dos estudantes da UEL relataram ter parceiros estáveis (DESSUNTI; REIS, 2012).

Os estudos de Dessunti (2012), apontam que os acadêmicos da instituição em estudo persistem se envolvendo em atitudes sexuais de risco para IST. Além disso, as experiências adquiridas na instituição pelos acadêmicos do último ano foram insuficientes para aumentar a aceitação do preservativo como método contraceptivo e preventivo de IST, possivelmente pela relação de confiança com seus parceiros estáveis.

Diante disso, os objetos da pesquisa foram: verificar o perfil sexual dos estudantes de fisioterapia, analisar seu comportamento sexual e associá-lo com seu perfil sociodemográfico.

MÉTODOS

Foi realizado um estudo descritivo, com análise quantitativa, delineamento transversal dos dados.

O estudo teve como objetivo observar, quantificar e analisar o nível de conhecimento sobre o tema, a fim de correlacionar os dados encontrados com a falta de pesquisas e aplicações dentro da fisioterapia.

A população do estudo foi composta por discentes do curso de Fisioterapia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e a pesquisa foi realizada por meio da plataforma Google Forms (questionário em ambiente virtual).

Foram incluídos no presente estudo, alunos de ambos os sexos, maiores de 18 anos, de qualquer período do curso de Fisioterapia da PUC Goiás, que aceitaram participar mediante concordância no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) on-line. Foram excluídos do estudo participantes com questionários incompletos e/ou com erros de preenchimento.

Foi utilizado um questionário sociodemográfico composto por informações sobre os aspectos pessoais e sociais. Foi utilizado também um questionário baseado no modelo apresentado por Xavier (2005) que aborda a temática em questão. O questionário sobre Comportamento Sexual de Risco é composto por 35 questões objetivas que abordam questões relacionadas a sexualidade e sexo, como: com quem teve as primeiras informações sobre o sexo, com quem discute a sexualidade, se já teve sua primeira relação sexual; se sim, com qual idade; se usou preservativo, se ingeriu álcool ou drogas antes da relação sexual, com quantos parceiros teve relação nos últimos 3 meses, se previa que a relação sexual ia acontecer, se sabia que poderia engravidar ou contaminar-se por doenças sexualmente transmissível/vírus da imunodeficiência humana (DST/HIV), entre outras questões relacionadas à primeira e às últimas relações sexuais, o uso ou não de preservativos e gravidez. Esse questionário foi utilizado como instrumento de pesquisa na dissertação de mestrado de Xavier (2005). Não foram realizadas adaptações específicas, pois o questionário é de fácil compressão para estudantes da área de saúde.

A pesquisa foi realizada conforme as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde). A coleta de dados ocorreu após o cadastro na Plataforma Brasil e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Goiás (CEP-PUC Goiás) pelo parecer número 5.365.427.

A caracterização do perfil sociodemográfico, informações sobre sexo, método anticoncepcional, histórico de relação sexual, histórico de gravidez e DST foi feita por meio de frequência absoluta e frequência relativa. A associação entre o sexo do participante e o questionário foi realizada aplicando o teste do Qui-quadrado de *Pearson* e análise dos resíduos padronizados *Posthoc*. Os dados foram analisados com o *Statistical Package for Social Science*, (IBM Corporation, Armonk, USA) versão 26,0. O nível de significância adotado foi de 5% ($p < 0,05$).

RESULTADOS

Participaram da pesquisa 92 alunos. Destes, 81,5% (n=75) são mulheres, 88% (n=81) declararam ser heterossexuais e 78,3% (n=72) são solteiros. Quanto ao período do curso de Fisioterapia, 46,7% (n=43) estão no 6º ou 7º período e em relação a renda familiar, 58,7% (n=54) recebem entre 2 a 4 salários-mínimos (TABELA 1).

Tabela 1. Caracterização do perfil sociodemográfico.

	n	%
Sexo		
Feminino	75	81,5
Masculino	17	18,5
Orientação sexual		
Bissexual	4	4,3
Heterossexual	81	88,0
Homossexual	5	5,4
Outros	2	2,2
Período em que está cursando		
1º - 5º	16	17,4
6º - 7º	43	46,7
8º - 9º	33	35,9
Estado civil		

Casado (a)	11	12,0
Solteiro (a)	72	78,3
Outros	9	9,8
Renda familiar		
1 salário-mínimo	15	16,3
2 a 4 salários-mínimos	54	58,7
4 a 6 salários-mínimos	15	16,3
6 ou mais salários-mínimos	8	8,7

n, frequência absoluta; %, frequência relativa

Em relação as primeiras informações sobre o sexo, 25% (n=23) relataram que a mãe foi crucial para a propagação das informações. No quesito diálogo sobre sexualidade/sexo, 41,3% (n=38) falam sobre a temática com amigas (os). Quanto a idade da primeira relação, 42,4% (n=39) tinham entre 15 e 17 anos. No que se refere a primeira relação sexual, 55,1% (n=43) relataram que foi com namorado(a) e 69,2% (n=54) afirmaram que previa/sabia que o ato sexual aconteceria (TABELA 2).

Tabela 2. Caracterização das informações sobre sexo.

	n	%
Primeiras informações sobre sexo		
Amigos(as)	20	21,7
Irmãos(ãs)	2	2,2
Livros	2	2,2
Mãe	23	25,0
Outros	12	13,0
Pai	2	2,2
Professor(a)	17	18,5
Sozinho(a)	13	14,1
TV	1	1,1
Falar sobre sexo/sexualidade		
Amigos(as)	38	41,3
Mãe	6	6,5
Namorado(a)	37	40,2

Ninguém	10	10,9
Parentes	1	1,1
Idade que menstruou/ejaculou		
< 12	23	25,0
12 a 13	49	53,3
14 a 15	20	21,7
Já teve relação sexual		
Não	14	15,2
Sim	78	84,8
Idade da primeira relação sexual		
< 15	11	12,0
15 a 17	39	42,4
≥ 19	26	28,3
Não informado	16	17,4
Com quem foi		
"Ficante"	28	35,9
Amigo(a)	5	6,4
Namorado(a)	43	55,1
Outros	1	1,3
Prostituta	1	1,3
Previa/sabia		
Não	24	30,8
Sim	54	69,2

n, frequência absoluta; %, frequência relativa

No que se refere ao método anticoncepcional, 70,7% (n=41) disseram que usaram preservativo para não engravidar e não ser contaminado(a) por DST/HIV. Os que não usaram preservativo, disseram que foi por vergonha de comprar ou usar 18,2% (n=4) e por outros motivos 18,2% (n=4). Destes 90,9% (n=20) disseram que, pensando melhor agora, deveria ter usado preservativo na primeira relação sexual (TABELA 3).

Quando questionado sobre a quantidade de parceiros(as) com quem sempre usou preservativo, 46,2% (n=36) responderam que foram de 2 a 8. Referente ao último ano, 25,6% (n=20) afirmaram não ter usado preservativo e

25,6% (n=20) usou em todas as vezes. Referente aos últimos 3 meses 33,3% (n=26) afirmaram não ter utilizado (TABELA 3).

Quanto a deixar de transar por não ter preservativo, 37% (n=34) disseram que já deixaram de realizar o ato sexual por esse motivo. Pensando numa futura ocasião, 66,3% (n=61) deixaria de transar se não tivesse preservativo e 71,7 % (n=66) pretendem usar preservativo nas próximas relações. 82,6% (n=19) têm namorado, transa e usa anticoncepcional como outro método contraceptivo. Sobre o preservativo atrapalhar a relação sexual 70,7% (n=65) acham que não atrapalha (TABELA 3).

Tabela 3. Caracterização do método anticoncepcional.

	n	%
Por que usou preservativo		
Para não engravidar	12	20,7
Pelos dois motivos	41	70,7
Para não ser contaminado/a por DST/HIV	5	8,6
Por que não usou preservativo		
Conhecia bem o parceiro	3	13,6
Não sabia dos riscos	3	13,6
Não tinha preservativo	3	13,6
Parceiro/a não quis usar	2	9,1
Usava outro método	3	13,6
Vergonha de comprar ou usar	4	18,2
Outros	4	18,2
Deveria ter usado preservativo na 1ª vez		
Não	2	9,1
Sim	20	90,9
Quantos parceiros usou preservativo sempre		
0	12	15,4
1	12	15,4
2 a 8	36	46,2
Todos	18	23,1
Último ano, você usou preservativo		

Nunca	20	25,6
Menos da metade das vezes	17	21,8
Metade das vezes	6	7,7
Mais da metade das vezes	15	19,2
Todas as vezes	20	25,6
Últimos 3 meses, você usou preservativo		
Nunca	26	33,3
Menos da metade das vezes	16	20,5
Metade das vezes	6	7,7
Mais da metade das vezes	7	9,0
Todas as vezes	23	29,5
Já deixou de transar por não ter preservativo		
Isto nunca aconteceu comigo	33	35,9
Não, transei sem preservativo	25	27,2
Sim, já deixei de transar	34	37,0
Deixaria de transar se não tivesse preservativo		
Não	31	33,7
Sim	61	66,3
Nas próximas pretende usar preservativo		
Não	26	28,3
Sim	66	71,7
Qual método usado		
Anticoncepcional	19	82,6
DIU	4	17,4
Preservativo atrapalha a relação sexual		
Não sei	11	12,0
Não	65	70,7
Sim	16	17,4

n, frequência absoluta; %, frequência relativa

Quanto ao histórico de relação sexual, 84,8% (n=78) têm vida sexual ativa. Destes, 91% (n=71) nunca usaram drogas ou álcool antes do ato sexual; 83,3% (n=65) tiveram a primeira relação sexual por decisão própria; 94,9% (n=74) na primeira relação conhecia preservativos ou outros métodos; 71,8% (n=56) usou preservativo na primeira relação sexual; 50% (n=39) usaram pílula,

coito interrompido, tabelinha na primeira relação; 35,9% (n=28) responderam que têm vida sexual ativa a mais de 7 e menos de 14 anos. 35,9% (n=28) relataram que teve 2 a 4 parceiros diferentes desde o início da vida ativa até o momento da pesquisa. Em um ano, 52,6% (n=41) relataram ter tido apenas um parceiro, assim como, 73,1% (n=57) relataram ter tido também apenas um parceiro no período de 3 meses. 50% (n=7) dentre os que não têm vida sexual ativa, relata não ter tido relação ainda, pois pretende casar virgem. Até o momento da pesquisa 25% (n=23) namora, transa e usa outro método contraceptivo sem ser preservativo (TABELA 4).

Tabela 4. Caracterização do histórico de relação sexual.

	n	%
Usou álcool ou drogas		
Não	71	91,0
Sim	7	9,0
1ª relação sexual		
Por decisão própria	65	83,3
Sob pressão de amigos	3	3,8
Sob pressão do parceiro	9	11,5
Outros	1	1,3
Na 1ª relação, conhecia preservativo/outras métodos		
Não	4	5,1
Sim	74	94,9
Usou preservativo na 1ª relação sexual		
Não	22	28,2
Sim	56	71,8
Usou pílula, coito interrompido, tabelinha		
Não	39	50,0
Sim	39	50,0
Tempo que tem relação sexual		
1 a 2 anos	13	16,7
3 a 4 anos	15	19,2
5 a 6 anos	22	28,2
7 a 14 anos	28	35,9

Quantos parceiros/as diferentes

Não sei	7	9,0
1	14	17,9
2 a 4	28	35,9
5 a 10	17	21,8
Mais de 10	12	15,4

Quantos parceiros/as diferentes (no ano)

0	8	10,3
1	41	52,6
2 ou mais	22	28,2
Não sei	7	9,0

Quantos parceiros/as diferentes (3 meses)

0	10	12,8
1	57	73,1
2 ou mais	6	7,7
Não informado	5	6,4

Por que ainda não teve relação sexual

Ainda não encontrou a pessoa certa	5	35,7
Pretende casar virgem	7	50,0
Tem medo	1	7,1
Outro	1	7,1

No momento, você

Está ficando	11	12,0
Está sem namorado	14	15,2
Namora, mas não transa	2	2,2
Namora, transa e nunca usou preservativo	5	5,4
Namora, transa e sempre usa preservativo	13	14,1
Namora, transa, usa outro método	23	25,0
Namora, transa, usava e não usa mais	8	8,7
Nunca namorou	9	9,8
Outro	7	7,6

n, frequência absoluta; %, frequência relativa

Em relação a gravidez e DST, 91% (n=71) dos participantes que relataram ter vida sexual ativa disseram que sabia sobre esses assuntos na primeira

relação sexual. Desses, 91,8% (n=56) disseram que não estiveram grávidas ou não engravidaram suas parceiras. Sobre a última gravidez, 66,7% (n=4) responderam ter levado a gravidez até o fim da gestação. Do total dos participantes ativos sexualmente, 96,2% (n=75) responderam que não têm filhos. Quando analisado a amostra total da pesquisa, 51,1% (n=47) relataram não haver nenhuma chance de ter HIV, pois conhecia o parceiro. Desses, 67,4% (n=62) e 64,1% (n=59) preocupam em contrair HIV e com uma gravidez, respectivamente (TABELA 5).

Tabela 5. Caracterização da gravidez e DST.

	n	%
Na 1ª relação, sabia sobre gravidez e DST/HIV		
Não	7	9,0
Sim	71	91,0
Já esteve grávida		
Não	56	91,8
Sim, 1 vez	5	8,2
Última gravidez		
Foi feito aborto	2	33,3
Foi levada até o fim	4	66,7
Tem filhos		
Não	75	96,2
Sim	3	3,8
Sua chance de ter HIV		
Nenhuma, conheço o parceiro	47	51,1
Nenhuma, nunca tive relação sexual	14	15,2
Nenhuma, sempre usei preservativo	18	19,6
Tenho alguma chance de ter HIV	13	14,1
Preocupa com contrair HIV		
Não me preocupo	11	12,0
Mais ou menos	19	20,7
Muito	62	67,4
Preocupa com uma gravidez		
Não me preocupo	15	16,3

Mais ou menos	18	19,6
Muito	59	64,1

n, frequência absoluta; %, frequência relativa

Ao comparar as principais questões do questionário de acordo com o sexo, observa-se que há uma frequência significativamente maior de homens tendo a primeira relação sexual com "ficante" 52,9% (n=9) e mulheres com namorado 65,6% (n=40). Quando analisado o motivo de usar preservativo, observa-se que a frequência de pessoas que usaram o preservativo para não engravidar e não ser contaminada com HIV/DST foi maior dentre as mulheres, 79,5% (n=35), já os homens, 28,6% (n=4) usaram apenas para não engravidar a parceira. 60% (n=3) dos homens que não usaram esse método de prevenção disseram que conhecia a parceira. Quando questionado com quantos parceiros usou preservativo sempre, observou-se que 47,1% (n=8) dos homens, sempre usou com todas as parceiras, enquanto 19,7% (n=12) das mulheres, responderam que sempre usou com um parceiro. Sobre deixar de transar por não ter preservativo, 41,3% (n=31) do sexo feminino responderam que isto nunca aconteceu e 70,6% (n=12) do sexo masculino responderam "sim, já deixei de transar". Em relação á quantidades de parceiros(as) diferentes, notou-se a frequência significativamente maior no sexo masculino sendo que 35,3% (n=6) relatam ter tido mais de 10 parceiros/as em um 1 ano e 23,5% (n=4) dos homens responderam que tiveram 2 ou mais parceiros(as) em um período de 3 meses (TABELA 6).

Tabela 6. Resultado da comparação do sexo com o questionário.

	Sexo		p^*
	Feminino n (%)	Masculino n (%)	
Com quem foi			
"Ficante"	19 (31,1)	9 (52,9)†	<0,01
Amigo/a	1 (1,6)	4 (23,5)	
Namorado/a	40 (65,6)†	3 (17,6)	
Outros	1 (1,6)	0 (0,0)	

Prostituta	0 (0,0)	1 (5,9)	
Por que usou preservativo			
Para não engravidar	8 (18,2)	4 (28,6)†	
Pelos dois motivos	35 (79,5)†	6 (42,9)	0,01
Pra não ser contaminado/a por DST/HIV	1 (2,3)	4 (28,6)	
Por que não usou preservativo			
Conhecia bem o parceiro	0 (0,0)	3 (60,0)†	
Não sabia dos riscos	3 (17,6)	0 (0,0)	
Não tinha preservativo	2 (11,8)	1 (20,0)	
Outros	4 (23,5)	0 (0,0)	0,02
Parceiro/a não quis usar	1 (5,9)	1 (20,0)	
Usava outro método	3 (17,6)	0 (0,0)	
Vergonha de comprar ou usar	4 (23,5)	0 (0,0)	
Com quantos usou preservativo sempre			
0	9 (14,8)	3 (17,6)	
1	12 (19,7)†	0 (0,0)	0,02
2 a 8	30 (49,2)	6 (35,3)	
Todos	10 (16,4)	8 (47,1)†	
Já deixou de transar por não ter preservativo			
Isto nunca aconteceu comigo	31 (41,3)†	2 (11,8)	
Não, transei sem preservativo	22 (29,3)	3 (17,6)	0,005
Sim, já deixei de transar	22 (29,3)	12 (70,6)†	
Usou pílula, coito interrompido, tabelinha			
Não	24 (39,3)	15 (88,2)	<0,01
Sim	37 (60,7)	2 (11,8)	
Quantos parceiros/as diferentes			
1	13 (21,3)	1 (5,9)	
2 a 4	25 (41,0)	3 (17,6)	
5 a 10	13 (21,3)	4 (23,5)	0,02
Mais de 10	6 (9,8)	6 (35,3)†	
Não sei	4 (6,6)	3 (17,6)	
Quantos parceiros/as diferentes (3 meses)			
0	10 (16,4)	0 (0,0)	
1	44 (72,1)	13 (76,5)	0,01
2 ou mais	2 (3,3)	4 (23,5)†	

Não informado	5 (8,2)	0 (0,0)
---------------	---------	---------

*Qui-quadrado; †Posthoc; n, frequência absoluta; %, frequência relativa

DISCUSSÃO

Os resultados dessa pesquisa mostram que a população estudada teve as primeiras informações sobre o sexo através das mães (25%), dos/as amigos/as (21,7%) e dos professores (18,5%). Esses dados contradizem com o estudo realizado por Silva *et al.* (2021), onde foi feito uma pesquisa a respeito das informações sobre sexo/sexualidade, e aproximadamente 70% responderam ter tido informações sobre a temática com os pais. Quando analisado com qual pessoa tinha a preferência para o diálogo sobre a sexualidade, no estudo com os acadêmicos de fisioterapia, foi observado em ordem decrescente amigos(as), namorado, ninguém e mãe. Contudo, no estudo de Silva *et al.* (2021), a prioridade é entre amiga(os), seguida da mãe/pai, familiares, professores e namorado(a). Todavia, mesmo o assunto sendo tabu no meio social, ambos estudos trazem que a maioria das pessoas tiveram informações e dialogam sobre a temática. Provavelmente, as pessoas estão mais conscientes sobre a importância da sexualidade e percebendo a necessidade de informar e dialogar sobre a questão.

Em relação ao estado civil prevalente, orientação sexual, média de idade da primeira menstruação/ejaculação, idade da primeira relação sexual, já ter iniciado a vida sexual (porcentagem maior que 50%), o parceiro da primeira relação sexual ter sido o/a namorado/a, ter utilizado método anticoncepcional na coitarca, com predomínio do uso de preservativo e parceiro único na prática sexual, os dados dessa pesquisa são semelhantes aos dados encontrados por Aragão *et al.* (2011) em sua pesquisa com acadêmicos de medicina de uma universidade privada no Estado do Rio de Janeiro. Isso mostra, um perfil semelhante de comportamento sexual que supostamente estar relacionado com as questões culturais.

Estudos como de Cruzeiro *et al.* (2010) e Carret *et al.* (2004) trazem que fatores como múltiplos parceiros sexuais, bebidas alcoólicas, drogas ilícitas e

uso infrequente de preservativo aumentam significativamente a chance de contrair IST e conseqüentemente proporcionar risco ao comportamento sexual de pessoas sexualmente ativas. Diante disso, no presente estudo, quando analisado a quantidade de parceiros diferentes desde a coitarca, observa-se que a maioria dos respondentes, 35,9% (n=28), relataram ter tido entre 2 a 4 parceiros, seguido de 21,8% (n=17) entre 5 a 10 parceiros e 17,9% (n=14) apenas um parceiro, ou seja, a maioria apresenta comportamento de risco, ao analisar a diversidade de parceiros. Todavia, ao verificar no período de 1 ano e de 3 meses, nota-se que a maioria dos participantes 52,6% (n=41) e 73,1% (n=52), respectivamente, relataram ter tido apenas um parceiro. Mostrando assim, um cenário de redução desse risco na população acadêmica estudada quando comparado a quantidade de companheiro com que teve o ato sexual, nesses dois períodos. Isso, possivelmente, estar relacionado a maturidade e a escolha de um relacionamento mais estável.

Ao analisar o uso de preservativo, na pesquisa realizada, 28,2% (n=22) relataram o não uso de preservativo na primeira relação sexual; apenas 25,6% (n=20) e 29,5% (n=23) usaram preservativos em todas as relações no período, respectivamente, de 1 ano e de 3 meses e 23,1% (n=18) responderam que usaram preservativo em todas as relações sexuais. Isso mostra que mais de 50% dos participantes da pesquisa apresentam comportamento de risco ao levar em consideração a falta do uso desse método preventivo de IST. Resultados similares foram encontrados no estudo de Ribeiro e Fernandes (2009), realizado no ensino superior em Bragança, aproximadamente 50% dos respondentes relataram a prática da atividade sexual sem esse método de proteção e 3,6% afirmaram nunca ter usado preservativo, enfatizando assim tal risco em relação ao uso infrequente do preservativo na população acadêmica. Desse modo, pode-se analisar que mesmo sabendo da importância do uso do preservativo a maioria dos acadêmicos negligencia a utilização desse método, provavelmente, pela falta de clareza das conseqüências das IST.

Quando observado a prática do ato sexual associado ao uso de álcool ou drogas ilícitas, no presente estudo, pôde-se observar um risco reduzido aos sexualmente ativos, pois 91% (n=71) relataram o não uso de drogas ou álcool

antes da atividade sexual. Outro estudo que mostra a redução desse risco, foi observado no trabalho de Alves *et al.* (2022), em uma universidade em Portugal, na qual menos de 33% revelou ter praticado o ato após o uso da droga lícita. Em contrapartida no estudo de Ribeiro e Fernandes (2009), aproximadamente 50%, e Costa *et al.* (2022), em torno de 70%, responderam ter realizado a prática sexual sob o efeito de tais substâncias. Diante disso, pode-se propor que os acadêmicos de fisioterapia estão mais responsáveis e conscientes ao escolher parceiro(a) para se relacionar sexualmente.

Sobre os motivos de não usarem o preservativo na primeira relação sexual, os respondentes da pesquisa deram como motivos os seguintes itens: vergonha de comprar ou usar (18,2%), outros motivos (18,2%), conhecia bem o parceiro (13,6%), não sabia dos riscos (13,6%), não tinha preservativo (13,6%), usava outro método (13,6%) e o parceiro/a não quis usar (9,1%). Vale ressaltar que 70,7% da população pesquisada acham que o uso do preservativo não atrapalha a atividade sexual. Contudo, tais dados contrapõem o estudo de Ribeiro e Fernandes (2009) que trouxe como motivos para o não uso desse método preventivo de IST em mais de 50% a confiança no parceiro, seguido por não terem o preservativo no ato sexual, por não quererem usar e em menor porcentagem vergonha em perguntar ao parceiro(a) se poderia usar. Outro estudo divergente sobre os motivos do não uso da camisinha foi de Chaves *et al.* (2014) que apresentou, respectivamente, as seguintes justificativas: não ter preservativo no momento, não lembrar do preservativo, incontinência do impulso sexual, muito jovem/imaturo/sem experiência, confiança no(a) parceiro(a), não sabia que ia acontecer, achava que não precisa, não sentia prazer com camisinha e não quis. Diante disso, é provável que os jovens têm dificuldades de propor o uso do preservativo e/ou comprá-lo.

Quando comparado os dados de maior frequência em relação ao sexo biológico dos participantes, nota-se que o sexo feminino optou em ter a primeira relação sexual com namorado e não com “ficantes” como o masculino. Estudos como de Borges e Schor (2005) mostram essa preferência, talvez por buscar mais confiança e segurança, porém o presente estudo não apresentou nenhuma pergunta relacionada a esse questionamento.

Ao analisar o comportamento de risco e os dados com frequência significativa, percebe-se que o sexo feminino apresenta menor risco ao usarem o preservativo para evitar também a contaminação de DST e não apenas a gravidez como o sexo oposto. Averiguando o sexo masculino, é nítido o risco elevado quanto a diversidade de parceiras(os), uma vez que eles responderam em maior frequência ter se relacionado com 10 ou mais e 2 ou mais parceiras(os) no período de 12 e 3 meses, respectivamente. Além disso, o não uso por conhecer a parceira, pode proporcionar risco, uma vez, que não é comum a prática de exames de IST antes do ato sexual. Tais dados corroboram com o estudo de Corrêa *et al.* (2022) ao apresentar que o sexo masculino demonstrou maior vulnerabilidade relacionada a saúde sexual. Além disso, o estudo de Cruzeiro *et al.* (2010) confirma que o sexo feminino apresentou um risco de 82% menor de ter múltiplos parceiros. Possivelmente, o sexo masculino tem mais risco devido as questões culturais, que impõem o homem a buscar diversidade de parceiras.

Todavia, observou-se diferença significativa na quantidade de parceiras(os) com que sempre usou preservativo, sendo que os homens com maior frequência responderam que utilizam com todas as parceiras e afirmaram ter deixado de transar por não ter preservativo. Enquanto as mulheres, responderam com maior frequência ter usado sempre o método preventivo com apenas um parceiro e relataram não ter passado pela situação de deixar de transar por falta da camisinha. Diante disso, é possível que os homens estão com mais consciência e medo em relação a paternidade e as mulheres por serem culturalmente cobrada pelo cuidado apresentam esse comportamento.

CONCLUSÃO

Mesmo sendo tabu na sociedade, observa-se que a maioria dos participantes da pesquisa recebeu informação sobre o sexo, conhecia preservativo/métodos contraceptivos, DST/gravidez e dialoga sobre a temática. Em alguns pontos como a quantidade de parceiros em 12 e 3 meses e o uso de drogas ou ingestão de álcool antes do ato sexual foram analisados um

comportamento de menor risco comparado a outros estudos. Todavia quando analisado a quantidade de respondentes que usaram preservativos em todo ato sexual durante os últimos 12 e 3 meses a minoria fez o uso desse método, apresentando assim características que apresentam riscos no comportamento sexual dos acadêmicos de fisioterapia.

Outro ponto que merece destaque está relacionado a análise das principais questões com o sexo biológico a qual foi observado que o sexo masculino apresenta maior risco ao terem usado preservativo apenas para não engravidar a parceira e por apresentar frequência significativa em relação a diversidade de parceiras no período de 12 e 3 meses.

REFERÊNCIAS

1. Brasil, Ministério da Saúde; Caderno de Atenção Básica. Saúde sexual e saúde reprodutiva. Brasília; 2013.
2. Brasil, Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013.
3. Alves B, *et al.* Perfil sexual de estudantes universitários. Revista Brasileira em Promoção da Saúde, Fortaleza, 30(4): 1-8, out./dez., 2017.
4. Falcão Júnior JSP *et al.* Perfil e práticas sexuais de universitários da área de saúde. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, 2007 mar; 11 (1): 58 – 65.
5. Graf DD, Mesenburgll MA, Fassa AG. Comportamento sexual de risco e fatores associados em universitários de uma cidade do Sul do Brasil. Revista de Saúde Pública. 2020; 54:41.
6. Dessunti EM, Reis AOA. Vulnerabilidade às DST/AIDS entre estudantes da saúde: estudo comparativo entre primeira e última série. Ciência, Cuidado e Saúde 2012; 11 (suplem.): 274-283.

7. Xavier ACM. Comportamento sexual de risco na adolescência: aspectos familiares associados. Dissertação de mestrado. 2005
8. Silva GA, et al. Informações sobre sexo e sexualidade na adolescência: uma barreira a ser vencida. Artigo Original HU Revista, 2021; 47: 1-7.
9. Aragão JCS, Lopes CS, Bastos FI. Comportamento Sexual de Estudantes de um Curso de Medicina do Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Educação Médica 335 35 (3): 334 – 340, 2011.
10. Cruzeiro ALS, et al. Comportamento sexual de risco: fatores associados ao número de parceiros sexuais e ao uso de preservativo em adolescentes. Ciência & Saúde Coletiva, 15(Supl. 1):1149-1158, 2010.
11. Carret MLV, et al. Sintomas de doenças sexualmente transmissíveis em adultos: prevalência e fatores de risco. Revista Saúde Pública 2004; 38(1):76-84
12. Ribeiro MIB, Fernandes AJG. Comportamentos Sexuais de Risco em Estudantes do Ensino Superior Público da Cidade de Bragança. Psicologia, Saúde & Doenças, 2009, 10 (1), 99-113.
13. Alves R, Precioso J, Becoña E. Comportamentos sexuais de risco entre universitários: relação com conhecimentos e atitudes sexuais. Psicologia, Saúde & Doenças vol.23 no.1 Lisboa abr. 2022.
14. Costa GKF, et al. Stealthing among university students: associated factors. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 56: e20210573, 2022.
15. Chaves ACP, et al. Conhecimentos e atitudes de adolescentes de uma escola pública sobre a transmissão sexual do HIV. Revista Brasileira de Enfermagem, 2014 jan-fev; 67(1): 48-53.
16. Borges ALV, Schor N. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 21(2):499-507, mar-abr, 2005.
17. Corrêa R, et al. Habilidades sociais e saúde sexual de adolescentes em região de fronteira. Psicologia, Saúde & Doenças vol.23 n.1 Lisboa abr. 2022.